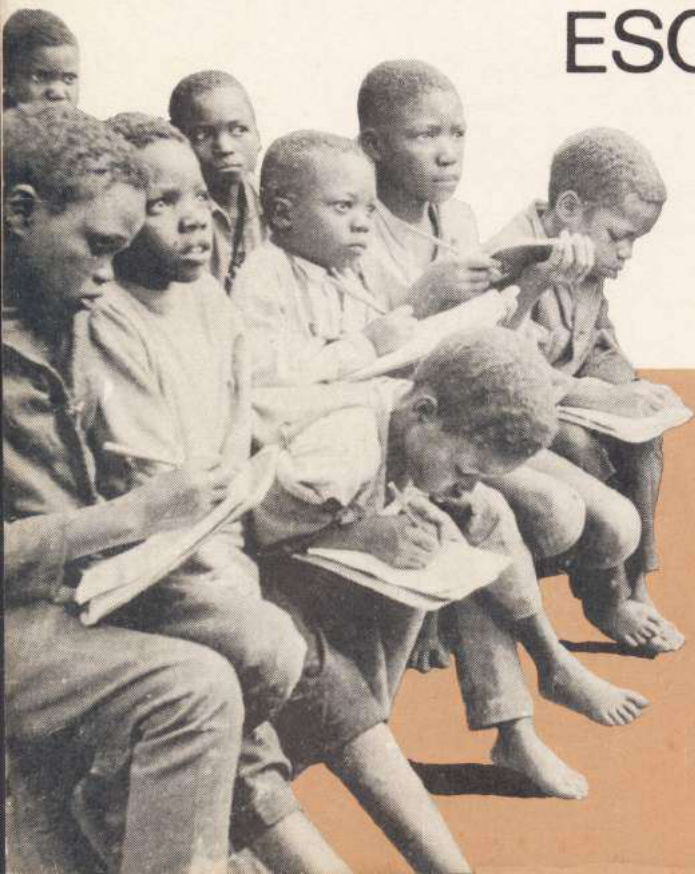


SAMORA MOISÉS MACHEL

FAZER DA
ESCOLA UMA
BASE
PARA
O POVO
TOMAR
O PODER



—colecção—
estudos e orientações

6

**FAZER DA ESCOLA
UMA BASE
PARA O POVO
TOMAR O PODER**

PREFÁCIO

A 5.ª Sessão do Comité Central do Partido FRELIMO definiu a Educação como um sector vital para a libertação total do homem moçambicano — a libertação dos males herdados do colonialismo e também a libertação relativamente ao subdesenvolvimento económico.

Após a vitória da Luta Armada de Libertação Nacional sobre o colonialismo português e a conquista da Independência, a FRELIMO colocou nas mãos do povo o direito à educação com a nacionalização das escolas e do ensino no nosso País. Esta medida criou as condições para a democratização da educação, para o exercício real do direito ao ensino, direito conquistado pelo Povo moçambicano. Hoje na República Popular de Moçambique a Educação é preocupação fundamental do Estado moçambicano e tarefa de todos nós.

Colocar a Educação e as escolas ao serviço do povo exige porém uma transformação ao nível das mentalidades e uma revolucionarização do conceito de educação, que deve ser assumida por professores, alunos e por todos os moçambicanos. Ela implica o combate contra as concepções elitistas e divisionistas da educação burguesa e a aplicação a todo o País das experiências adquiridas e desenvolvidas nas escolas da FRELIMO, nas zonas libertadas, durante a luta armada.

A Educação nova deve reflectir o Poder da aliança operário-camponesa, através da democratização das suas estruturas e métodos de trabalho, da definição clara dos seus objectivos em cada fase e do seu conteúdo estreitamente ligado à realidade.

Ao reeditar na colecção "Estudos e Orientações" o texto do Camarada Presidente Samora Machel — FAZER DA ESCOLA UMA BASE PARA O POVO TOMAR O PODER — o Departamento do Trabalho Ideológico do Partido FRELIMO coloca nas nossas mãos um instrumento que nos vai permitir compreender e aprofundar a nossa concepção revolucionária da Educação, resultado da experiência vivida na Luta Armada de Libertação Nacional.

Para combater a fome, a nudez, o subdesenvolvimento, para materializar os direitos conquistados com sangue e sacrifício, as massas populares devem apropriar-se dos conhecimentos científicos e técnicos. Só a educação generalizada permite ao Povo moçambicano desenvolver a sua personalidade e afirmar a sua cultura nacional.

*Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO
Maputo, Julho de 1979*

INTRODUÇÃO

Durante o processo do nosso trabalho temos enfrentado crises que surgem e correspondem ao desequilíbrio existente entre a nossa consciência e o grau de desenvolvimento e potencialidades da nossa luta.

Essas crises surgem nos mais diversos sectores, e embora elas sejam sempre circunscritas e resolvidas, compete-nos sintetizar as suas lições de maneira a podermos beneficiar da experiência adquirida com vista à resolução das novas situações.

O texto que se segue é uma síntese duma crise surgida num centro de ensino. Todavia as lições tiradas não interessam apenas a esse centro ou ao sector da educação.

A questão central da fase que atravessamos é a do estabelecimento do poder popular. Por isso os obstáculos que surgem nesta via, sejam eles numa escola, num hospital, numa cooperativa, numa localidade, num destacamento, são problemas que interessam a todos os militantes e em que militantes de todos os sectores devem contribuir activamente para se encontrar a solução justa.

Ao publicarmos este texto do Camarada Presidente, fruto da discussão sobre a crise que atravessava um centro educacional, fornecemos a todos os militantes um instrumento que os ajudará a resolver correctamente os problemas enfrentados no seu sector.

*Departamento de Informação e Propaganda
Julho de 1974*

I—O CRESCIMENTO RESULTA DA SOLUÇÃO CORRECTA DAS CONTRADIÇÕES

A existência de contradições é um fenómeno natural e inevitável para o progresso. Ao nível da natureza, ao nível das formações sociais, todo o desenvolvimento resulta do choque dos antagonismos que precederam a nova fase.

O aparecimento entre nós de fenómenos de conservantismo, ainda que em escala reduzida, exprimem a oposição ao processo revolucionário que se desenvolve, e pela oposição que suscitam, contribuem para a consolidação e progresso da revolução.

Engajados como estamos numa revolução democrática e popular que integra e desenvolve a libertação nacional, o critério supremo que utilizamos para julgar cada fenómeno, cada manifestação, é o de saber como se inserem estes factos na luta pela instauração do poder popular e pela criação duma nova mentalidade e de novas relações sociais entre os homens.

Ao analisarmos a situação presente na escola, a sua evolução e crises, verificamos a existência de manifestações que exprimem a oposição do velho ao novo, o peso da herança morta face ao dinamismo da sociedade que se constrói.

Embora o fenómeno seja localizado e não tenha proporções graves, importa-nos como revolucionários analisá-lo com profundidade e colhermos dele as lições que se impõem.

Isto é tanto mais importante quanto o fenómeno em análise é uma experiência rica, cujo estudo e solução nos permitirá resolver situações idênticas que se verificarão inevitavelmente à escala nacional.

Fazendo-o, elevamos pois as lições da prática à categoria de teoria, enriquecemos a nossa teoria revolucionária, instrumento indispensável para o triunfo da revolução.

Esquematizando os problemas actuais, constatamos que estes se situam em três grandes categorias.

a) *A luta contra os complexos como luta entre o Velho e o Novo*

Entre professores, entre alunos, entre ambos aparecem numerosos complexos: complexo de inferioridade e de superioridade, complexo de veteranismo e de falta de experiência, etc..

A causa fundamental dos complexos encontra-se na diversidade das vivências de cada um.

O aluno que teve ocasião de participar nas FPLM, que se encontrou envolvido nesta ou naquela operação militar, estimar-se-á superior ao professor a quem a organização nunca confiou uma tarefa no campo militar. Esta "superioridade" tenderá a manifestar-se duma maneira mais forte ainda se o professor é estrangeiro.

Dentro deste espírito dificilmente o aluno poderá possuir a capacidade política e psicológica para aprender do professor, pondo assim em causa o cumprimento correcto da tarefa que lhe foi confiada.

Esta atitude errada reflecte uma incompreensão do nosso princípio de que não há entre nós tarefas civis ou militares nem existem pequenas ou grandes tarefas, pois que todas as tarefas estando ao serviço do Povo, elas são igualmente revolucionárias.

Do lado do professor, armado de diplomas e de experiências científicas e teóricas por vezes ricas, haverá a tendência de desprezar o aluno, sobretudo quando, as circunstân-

cias históricas tendo asfixiado a sua iniciativa, o aluno sente dificuldade em ordenar e exprimir correcta e livremente o seu pensamento. Assim também o professor se privará de aprender do aluno. Este tipo de mentalidade é um dos produtos da deformação capitalista que classifica os homens em função dos diplomas, a que confere uma auréola mística de sabedoria. É um reflexo ainda da mentalidade exploradora de oposição entre o trabalho manual, que é desprezado, e o trabalho intelectual que é considerado. Esta concepção é profundamente errónea pois que pretende separar e opõe idealisticamente a teoria à prática, e nega o valor fundamental da prática como única fonte das ideias e critério para julgar a correcção das mesmas.

Como variante dos complexos já citados encontramos ainda o espírito dos “veteranos”, que de veteranos só possuem a antiguidade na organização. Presos na rotina, incapazes de adquirirem nova maneira de pensar, novos métodos de trabalho, estes falsos veteranos vêm nos novos quadros os concorrentes que os desalojarão dos seus pequenos tronos. Assim utilizam contra os novos quadros a antiguidade com o objectivo de lhes asfixiar a iniciativa, e recusam aprender a experiência dos novos quadros, as novas ideias que estes trazem. Procuram fechar as portas da organização às novas forças alegando que os novos só surgem quando se desenha a vitória, ou insinuando que os novos são elementos infiltrados. No seu individualismo não vêm as necessidades da organização, e a sua cegueira egoísta até lhes impede de compreender que toda a gente não nasceu ao mesmo tempo e por consequência não pode simultaneamente ingressar nas fileiras revolucionárias.

Os complexos de inferioridade e superioridade impedem a aplicação do nosso princípio justo de aprendermos uns dos outros para progredirmos em conjunto. No nosso seio as forças reaccionárias, dado o nosso circunstancialismo particular, esforçam-se por explorar estes complexos de maneira a suscitarem conflitos raciais.

O racismo, seja ele de brancos em relação a negros ou de negros em relação a brancos, é uma das formas mais degradantes e humilhantes do sistema de exploração do homem, o instrumento preferido das classes reaccionárias para dividir, isolar e aniquilar as forças progressistas. Para nós o racismo e os seus irmãos gémeos o tribalismo e o regionalismo, constituem autênticos crimes contra-revolucionários.

Os complexos que se manifestam exprimem o peso da mentalidade velha que ainda transportamos em nós.

A luta para liquidarmos esta herança é um dos momentos essenciais da criação da nova mentalidade.

b) A vigilância revolucionária oposta à desconfiança

Os complexos existentes, produtos do conflito entre o velho e o novo, semeiam entre nós um clima de desconfiança.

As pessoas que concebem as suas relações na base da concorrência e da rivalidade necessariamente se regozijarão com cada limitação, erro ou fracasso do “adversário” e continuamente se esforçarão por criar condições propícias para a destruição do “rival”.

Integrados neste esquema de pensamento a desconfiança sistemática contra todos fará parte da vida quotidiana.

Num clima de desconfiança, de rivalidades, estabelecem-se por um lado alianças sem princípio, na base de ambições ou gostos decadentes, e por outro lado bloqueiam-se todas as possibilidades dum diálogo sério e construtivo no seio da comunidade.

Neste contexto aberto de divisão gera-se o clima propício aos boatos, calúnias, intrigas. Os panfletos e cartas anónimas substituem-se à crítica e autocrítica.

Este ambiente é capitalista, profundamente desagregador e contrário ao clima de camaradagem que deve reinar entre nós.

No seio da FRELIMO, por maioria da razão num centro nosso em que a tarefa central é a da criação duma mentalidade nova e dum novo tipo de relações sociais, não pode existir um clima de desconfiança e de divisão. A unidade é a nossa força principal, é a unidade que constrói e consolida a nossa sociedade.

Assim as potencialidades e as capacidades de cada um, porque se destinam a servir o povo, são valores que interessam a toda a comunidade. Da mesma maneira os erros, as limitações ou insuficiências de cada um, porque impedem de servir correctamente as massas, constituem um problema colectivo.

Desenvolver as capacidades de cada militante, apoiá-lo no combate contra as suas insuficiências, são preocupações da organização e de todos. Por isso precisamente nos definimos como camaradas.

Nas relações entre camaradas não há lugar para desconfianças e métodos policiais, que fundados no segredo e nas alianças sem princípio, conduzem ao aniquilamento da vigilância revolucionária e à criação dum clima de intimidação e terror.

A desconfiança é a oposição criada pela reacção à vigilância revolucionária.

A vigilância revolucionária é o resultado dum trabalho político no seio das massas, que fazendo-as assumir a linha e o comportamento correspondente, as conduz a reagirem contra qualquer agressão ideológica ou infiltração inimiga, por mais embrionárias ou veladas que sejam.

A vigilância revolucionária funda-se na unidade profunda das massas à volta da linha correcta, na confiança total existente entre militantes que lutam pela mesma causa. É esta confiança que leva cada um a declarar sem medo os seus erros e limitações, seguro de que todos o ajudarão a vencer os obstáculos que enfrenta.

É no clima de confiança, de relações harmoniosas, de relações de camaradagem que é possível libertar a iniciativa

de todos, valorizar os talentos de todos, para que em conjunto todos cresçam.

c) *Ditadura e Liberalismo produtos da divisão*

O florescimento de complexos, o clima de desconfiança reflectem um conflito entre duas linhas no nosso seio, demonstram que estamos divididos.

A divisão opera-se no comportamento e ela é real mesmo quando as palavras e os cartazes clamam a unidade.

Diversas são as causas da divisão. Mencionamos os complexos que reflectem a luta entre o conservantismo e o progresso. Podemos falar também das violações à nossa moralidade revolucionária que exprimem a oposição dos gostos corruptos e decadentes da sociedade burguesa e feudal aos novos valores introduzidos pela sociedade revolucionária.

Estes conflitos e muitos outros dividem-nos. Podem parecer coisas pequenas e secundárias mas na realidade são aspectos da luta global da velha sociedade que tende ainda a sobreviver.

Quando no seio da direcção revolucionária um ou mais elementos se encontram apegados às forças do passado, a direcção fica dividida. A divisão da direcção repercute-se sobre a base e gera um clima doentio.

Uma direcção comprometida, uma direcção dividida, perde a sua autoridade política e moral e procurará manter o poder através dum reforço constante do autoritarismo, de medidas administrativas e disciplinares, em resumo ela instalará a ditadura onde devia haver a democracia.

As ordens de serviço tendo substituído a discussão com a base, as punições ocupando o lugar da crítica e da autocritica, a base será de novo asfixiada e verá o seu poder usurpado por um punhado de burocratas.

Estes burocratas, no entanto, porque possuem vícios e defeitos que acarinham, porque em vez de entregarem os seus pontos fracos à crítica e autocritica desejam protegê-

-los, cedo ou tarde praticarão actos escandalosos que os forçarão a compromissos.

Assim, dentro das pequenas ditaduras, os burocratas criarão a sua corte de favoritos, composta por elementos que conhecem e colaboram com os seus pontos fracos.

Quando os grandes se corrompem os pequenos imitam.

Os favoritos ficam impunes e os que não têm protecção servem de alvo para as decisões e punições arbitrarias.

Podem-se manter aparências de métodos democraticos e de colectivismo na direcção fazendo-se numerosas e longas reuniões, onde na realidade nada se discute. Pode-se cobrir o liberalismo com punições severas que atingem os pequenos culpados. Pode-se manter uma aparência de dinamismo com numerosas actividades que em nada ou pouco servem o processo de transformação.

Na realidade encontramos apenas perante uma ditadura burocrática que coexiste com o liberalismo que ela necessariamente cria. Estamos perante uma contradição entre a base e a direcção que se agrava continuamente devido ao sentimento de injustiça.

A nossa experiência tem demonstrado que quando num centro se manifesta um clima de divisão, quando surgem numerosas entorses à nossa moralidade revolucionária, quando se verifica uma asfixia na capacidade criadora da base, isso reflecte divisões e compromissos no seio da direcção.

É no topo que devemos procurar muitas vezes a origem dos problemas que surgem na base, e na base devemos saber encontrar a inspiração e a força para solucionar as contradições surgidas, no sentido do progresso.

II— ASSUMIR E INTERIORIZAR A LINHA

A única força que possuímos são as massas unidas e conscientes dos seus interesses.

Unir e consciencializar o povo é a tarefa da vanguarda que se encontra armada da linha política correcta.

A experiência provou que sendo fracos e pouco numerosos no início, não possuindo nem o poder político, nem o poder militar, nem o poder económico, fomos capazes no entanto de progressivamente nos tornarmos fortes, conquistar à nossa causa os milhões de moçambicanos, e assim adquirirmos o poder político, o poder militar e o poder económico. A causa do nosso sucesso encontra-se precisamente na justeza da nossa linha política. Inversamente verificamos que o regime colonial fascista, que controlava a terra e os homens, possuía uma imensa força militar apoiada pelo imperialismo, dispunha de enormes recursos económicos que lhe eram facultados pelos monopólios, tudo perdeu porque, sendo a sua causa injusta e representando os interesses de um punhado de exploradores, a sua linha era necessariamente errada.

Conquistar-se ou perder-se o poder depende da linha política, ou ainda por outras palavras, depende dos interesses a que corresponde essa linha, a quem ela serve.

A nossa linha política resulta do combate das massas laboriosas exploradas pela sua emancipação e foi temperada na luta política armada do nosso povo contra o colonialismo, o imperialismo e a exploração, pela conquista e edificação do Poder Popular.

Cada vitória que alcançamos, cada fracasso que registamos, encontram o seu fundamento na maneira como fizemos assumir e viver a linha pelas largas massas.

A crise atravessada pela escola é uma consequência directa dos desvios que aí se verificaram na aplicação da nossa linha, desvios esses que conduziram à utilização de métodos errados de trabalho. Antes, porque a linha era correcta, conseguimos ter alunos e alunas e criar a escola onde esta não existia. Quando a linha se desviou começámos a perder alunos e alunas, e se os edifícios da escola

restaram, esta como centro de formação do homem novo correu o risco de desaparecer.

a) O professor e o aluno como militantes

Na FRELIMO encontramos todos engajados na tarefa grandiosa de servir as massas, edificar o poder popular, criar um novo tipo de relações entre nós, educar o homem numa mentalidade nova.

O professor e o aluno antes de mais são militantes desta causa gigantesca.

Ser-se militante não é viver-se num centro da FRELIMO sem contacto físico com o colonialismo. Numerosos são os que militando nas zonas ocupadas nunca frequentaram um centro da FRELIMO e vivem em contacto permanente e directo com o colonialismo. Nem sequer o cumprimento duma tarefa da organização é a característica essencial do militante, porque entre nós tivemos, em todos os sectores e em todos os níveis, quem aparentemente cumprisse tarefas incluindo no campo da luta armada e todavia se opusesse à nossa linha, e mesmo servisse o inimigo.

O militante é aquele que vive a preocupação da organização e que no detalhe do quotidiano, pela aplicação criadora que faz da nossa linha, se torna para todos um modelo do servidor do povo, do edificador da nova sociedade. A tarefa que lhe é confiada é cumprida com o sentido que ela está ao serviço do povo, e recebendo a sua missão do povo a ele tudo consagra incluindo a própria vida.

Ser militante como professor, não consiste apenas em preparar correctamente as aulas, explicar claramente a matéria e corrigir com justiça os exercícios.

Evidentemente que isso faz parte da tarefa do professor, mas não basta. Isso também o fazem professores burgueses animados de consciência profissional.

Na sua essência o professor militante é aquele que pelo seu exemplo e ensino contribui para a formação duma nova mentalidade no aluno.

O professor militante é para todos um ponto de referência, uma ilustração permanente do comportamento correcto.

O professor militante aprende do aluno e sabe orientá-lo na síntese das experiências e libertação da iniciativa. O professor militante é um elemento activo na prática do trabalho produtivo que mobiliza os recursos da natureza e fornece novas ideias ao homem. O professor militante está consciente das suas limitações e abre-se à autocrítica e à crítica, incluindo a dos alunos. O professor militante possui no mais alto grau a consciência de pertencer à classe trabalhadora. O professor militante é um combatente pela vitória dos novos valores, uma alavanca na libertação da iniciativa criadora dos alunos.

Nas circunstâncias em que vivemos, forçosamente dependemos e dependeremos ainda por um longo período de professores estrangeiros, que assumindo o seu dever internacionalista vêm contribuir no campo do ensino para a vitória da revolução moçambicana.

Vários destes professores são enviados por partidos revolucionários cujo combate e princípios se identificam com os nossos. Eles representam junto de nós os seus povos, o combate das suas classes trabalhadoras, a linha dos seus partidos. Eles possuem uma experiência revolucionária teórica e prática que nos será útil se transmitida correctamente, sem mecanicismos estéreis. Eles devem também saber aprender da nossa experiência teórica e prática que é uma contribuição para a revolução mundial.

Outros professores estrangeiros, embora não engajados em partidos revolucionários, participam no combate das forças democráticas dos seus países, são solidários com a luta anticolonialista e anti-imperialista do nosso povo e desejam contribuir para a vitória da luta de libertação.

Eles possuem um sentimento internacionalista e uma experiência rica que queremos aprender.

Todavia, para que os camaradas estrangeiros possam contribuir devidamente, nós devemos ser capazes de os integrar nas realidades da nossa sociedade e do nosso combate. Não somente nas perspectivas, mas também nas limitações e circunstancialismos próprios da nossa sociedade. Fazendo-o, levá-los-emos a compreender a nossa sociedade, evitaremos transposições mecânicas e nefastas de experiências, e saberemos salvaguardar a originalidade da nossa personalidade.

A definição do aluno como militante também se verifica como necessária. Embora a tarefa central do aluno seja a de estudar, isso em nada o distingue dum aluno burguês. A caracterização do aluno militante situa-se ao nível dos objectivos e métodos do seu estudo.

O aluno militante ao estudar cumpre uma tarefa que lhe foi confiada pelas massas para as servir. Nele não pode existir a obsessão mitológica do diploma, a esperança dos altos salários e privilégios, a noção de que faz parte duma elite de futuros governantes.

A política obscurantista e de subdesenvolvimento prosseguida pelos colonialistas fez com que na nossa sociedade o estudo seja ainda um privilégio, uma vez que as condições não permitem que todos possam ter acesso ao ensino.

Assim, aquele que estuda encarna a vontade de progresso de todo o povo e consegue estudar devido aos sacrifícios inumeráveis consentidos pelas largas massas. Foi a libertação da terra e dos homens ao preço do sangue, que criou as condições materiais para a existência da escola. É a solidariedade para com o sangue vertido em Moçambique que conduz as forças democráticas no mundo a aceitarem privações, para fornecerem meios materiais às nossas escolas.

Neste contexto, qualquer atitude de elitismo, qualquer concepção de se aproveitar do estudo para explorar as massas, reflecte um espirito capitalista e contra-revolucionário.

O aluno militante tem presente que o estudo se destina a habilitá-lo a melhor servir as massas e nunca para, como o colonialista, se instalar como parasita no dorso do povo.

O aluno militante assume a necessidade de combinar o estudo com a produção, com o objectivo de levar a escola a ser auto-suficiente, para reconciliar a sua inteligência com a mão e adquirir pela prática da produção novas ideias; e fundamentalmente manter viva a noção de pertencer à classe trabalhadora.

O aluno militante encontra-se engajado no combate pela emancipação das classes trabalhadoras às quais se identifica.

Na sua actividade escolar, o estudo e a aplicação criadora da nossa linha política, da teoria revolucionária, ocupam um lugar central. É a linha política da nossa classe que habilitará o aluno a utilizar os conhecimentos adquiridos para o serviço das massas.

b) A Escola como centro democrático

Desde que situamos alunos e professores como militantes da causa popular, devemos concluir que entre eles não podem subsistir antagonismos. As contradições que surgirão serão sempre secundárias e resolvidas na base do interesse das massas.

Nestas condições é imperativo que a nossa escola seja um centro democrático.

Deve-se no entanto sublinhar que enquanto o ensino não se generalizar, enquanto ele de facto for privilégio de uma minoria, haverá o risco grave de que, traíndo a sua origem social, alunos e professores se constituam em elite privilegiada.

De toda a maneira, agora e no futuro, a garantia primeira da democracia no ensino consiste em criar as condições para que as largas massas laboriosas tenham acesso ao ensino e tomem os postos de comando nesta frente.

A democracia no ensino, e a sua consolidação na escola, dependem ainda estreitamente dos objectivos e métodos de trabalho.

Inúmeras vezes a FRELIMO tem explicado a nossa linha política no campo da educação e os seus objectivos. Aqui importa apenas lembrar a palavra de ordem saída da II Conferência do DEC que sintetiza a nossa linha: «Educar o homem para vencer a guerra, construir uma sociedade nova e desenvolver a Pátria».

Esta linha, pondo a educação ao serviço dos interesses populares, garante os objectivos democráticos do nosso combate neste sector.

Resta a questão essencial dos métodos de trabalho que assegurem a democracia efectiva no centro de ensino e na educação em geral.

Partindo do nosso princípio de que devemos aprender uns dos outros, podemos encontrar os meios que apliquem criadoramente essa orientação.

Os professores devem aprender entre eles. Os alunos devem aprender entre eles. Professores e alunos devem aprender uns dos outros.

Isto significa uma troca constante de experiências a todos os níveis, e um esforço a cada nível para sintetizar as experiências.

Professores nacionais e estrangeiros deverão continuamente trocar as respectivas experiências, procurar em conjunto métodos para inovar e melhorar a sua acção. Por vezes notamos a este nível tendências chauvinistas que visam excluir os nossos companheiros estrangeiros desta troca salutar de experiências, ou mesmo ainda e mais nefasto, a tendência de menosprezar as outras experiências

simplesmente porque estrangeiras. Vivendo juntos e trabalhando juntos, ao excluirmos da discussão os companheiros estrangeiros criamos neles um justo ressentimento e privamo-nos de opiniões e ideias que são ricas, porque frutos duma prática.

Ao nível dos alunos, no seio das turmas, no seio dos grupos e secções criados nas turmas, o princípio do estudo colectivo e progresso em conjunto deve ser de rigor. Não nos interessa termos um aluno muito brilhante e quarenta que não sabem, pois por mais genial que seja o primeiro, sozinho nunca poderá satisfazer as necessidades que temos. Como dizemos sempre, progredimos como as vagas do mar que avançando em conjunto e constantemente desfazem os maiores rochedos.

Finalmente, entre os dois sectores, professores e alunos, importa regularmente discutir-se sobre as vitórias e fracassos registados no curso do trabalho, de maneira a tirarem-se as lições necessárias ao progresso colectivo.

Este processo de trabalho em conjunto implica uma abertura permanente à crítica e autocrítica, individual e colectiva.

O trabalho em conjunto, a crítica e autocrítica, não se confinam somente aos aspectos estritamente escolares. Seria um erro, pois que a missão da escola, para além da de instrução científica, é de educar, e a educação é um processo global. Seria ainda um erro uma vez que nenhum centro nosso, incluindo a escola, cumpre apenas uma tarefa.

O trabalho colectivo, a troca de experiências, a crítica e autocrítica estendem-se pois à totalidade do centro e da vida de cada um.

É através deste processo que conseguimos obter um verdadeiro conhecimento mútuo, conhecimento fundado no esforço comum, na demonstração pela prática dos valores e limites de cada um.

A democratização dos métodos de trabalho, fundados na colectivização da nossa vida, torna-se dentro deste

quadro uma fonte inesgotável para o reforço quotidiano da nossa unidade, dos nossos laços fraternais de camaradagem.

c) A colectivização da direcção integra as massas no Poder

Intimamente ligado ao processo de democratização dos métodos de trabalho encontra-se o da colectivização da direcção.

Trata-se essencialmente de organizar estruturas adequadas no seio da escola que conduzam todos e cada um a sentirem-se realmente responsáveis pela vida do centro.

A direcção não é nem poder ser o monopólio dum grupo, que decide e impõe orientações.

Assim como mesmo a árvore mais alta se enraiza no chão e sempre cresce de baixo para cima, as orientações devem surgir do sentimento e da consciência da base, actuando a vanguarda como o adubo que fortalece e acelera o processo da tomada de consciência.

Creemos que em cada turma se devem organizar grupos e secções. Os responsáveis dos grupos e secções deverão ser escolhidos pelos próprios alunos, orientando-se esta escolha de maneira a que sejam elementos de vanguarda quem dirija os grupos e as secções. Importa sempre, para se dirigir correctamente, que se goze da confiança política e moral das pessoas que se dirige, por isso insistimos na eleição democrática dos responsáveis.

Ao nível da turma, os responsáveis pelas secções constituirão um conselho de turma que será responsável pela totalidade dos problemas dos seus camaradas, tendo como missão prioritária a aplicação e defesa da nossa linha política e disciplina.

Os representantes de cada Conselho de Turma deverão participar com o corpo directivo da escola na discussão e resolução dos problemas da escola.

Importa tanto quanto possível que a administração da escola esteja confiada aos próprios alunos. Em definitivo

a escola pertence-lhes, e é participando activamente na sua gestão que poderão adquirir o sentido de responsabilidade pela propriedade colectiva.

Defendendo nós o princípio de que o Poder deve pertencer às massas, é justo que desde a escola preparemos os alunos para assumirem o Poder.

A colectivização da direcção não exclui todavia o princípio essencial do centralismo democrático, ou seja a subordinação da minoria à maioria e dos escalões inferiores aos escalões superiores.

Mas é precisamente pela participação constante da base na elaboração das decisões que asseguramos que o centralismo seja democrático e não burocrático.

Uma questão central para o funcionamento correcto de uma direcção, uma condição essencial para que ela leve a cabo com sucesso a sua tarefa, é que no comportamento individual e colectivo dos membros da direcção não surjam atitudes que ponham em causa a nossa linha.

Uma direcção, particularmente numa escola, educa sobretudo pelo exemplo. Se as palavras de apoio à linha forem contrariadas pelos actos, estar-se-á de facto a ensinar-se aos alunos a violarem a linha e a serem hipócritas.

A exemplaridade permanente da conduta individual e colectiva dos membros da direcção é um requisito fundamental para o sucesso do trabalho.

Assim a direcção conquistará a confiança política e moral da base, e comprometida apenas com a revolução, possuirá sempre a idoneidade para intervir contra qualquer agressão à nossa linha e disciplina.

A todo o momento a direcção deve ter como preocupação suprema a luta para levar as massas a assumirem e viverem a nossa linha política, garantia da nossa unidade e instrumento para a realização das aspirações das largas massas.

III—CRIANDO O HOMEM NOVO

A construção da Nova Sociedade em que estamos empenhados é indissociável da criação do Homem Novo.

Na medida em que modificamos a base material da sociedade criamos as condições objectivas para o estabelecimento de novas relações entre os Homens, liquidamos os fundamentos sobre que assentava a velha mentalidade e criamos condições para fomentar a nova mentalidade. Todavia impõe-se um trabalho árduo de educação da consciência, não só porque a modificação da mentalidade não surge automaticamente com a transformação da infra-estrutura, mas também porque à nova mentalidade opõe-se activamente a enorme e pesada herança que transportamos connosco.

Por isso, assim como temos que desencadear uma luta política dura para destruir o sistema de organização social que permite a exploração, igualmente, ao nível da consciência dos valores morais e culturais, somos obrigados a fazer o mesmo combate.

Mesmo quando destruídos os sistemas de exploração, se não combatermos a mentalidade que os determina, cedo ou tarde, lenta ou rapidamente, o sistema renascerá das suas cinzas fecundado pelos valores negativos que foram preservados em nós. A contra-revolução, devido à herança que trazemos, surge como que espontaneamente. Pela inércia ou activamente, ela opõe-se continuamente a todo o progresso. São estas as causas que explicam porque o progresso da revolução exige um combate permanente, e que cada afrouxamento no combate conduz logo a um reforço das forças conservadoras. Assim também, quanto mais se desenvolve a nossa luta, quanto maiores são as nossas vitórias, quanto mais desalojamos o inimigo, mais violenta se torna a sua oposição.

É isto que explica os fracassos que eventualmente sofremos nas batalhas políticas nos nossos próprios centros.

É isto que explica as batalhas que perdemos quando elementos da juventude, já educados fora da sociedade colonial e capitalista, se deixam corromper e praticam actos contra-revolucionários.

Não há revolucionários espontâneos, embora a revolução e a sua vitória historicamente sejam inevitáveis.

A tarefa de educar o Homem para adquirir a mentalidade nova aparece logicamente como uma necessidade premente para a consolidação e desenvolvimento do processo revolucionário.

Nesta tarefa geral inserem-se alguns aspectos essenciais que a prática tem demonstrado constituírem pontos fracos no nosso trabalho.

a) A libertação do pensamento e iniciativa

Na nossa sociedade tradicional duas forças agiram para asfixiar a capacidade de raciocínio e a iniciativa do Homem.

A sociedade africana, quando da invasão colonial, ainda não tinha procedido à separação entre a ciência física e a metafísica. Os fenómenos da natureza e as suas leis não eram estudados objectivamente e eram considerados como expressões e manifestações de um sobrenatural. Assim, embora os conhecimentos práticos fossem vastos, em certos campos, nomeadamente o da medicina e botânica, ainda não se tinha desenvolvido uma verdadeira ciência. As relações entre o Homem e a natureza ainda eram interpretadas como relações entre o Homem e forças sobrenaturais, mais ou menos hostis, a quem importava apaziguar continuamente.

O nível do desenvolvimento económico, salvo raras excepções, ainda não tinha imposto relações sociais para além das fronteiras clânicas ou tribais. A sociedade, que se encontrava no limiar do feudalismo, era pois uma

sociedade fechada, apegada às suas tradições, receosa do contacto com o exterior e das transformações.

Esta sociedade vai ser deslocada e rompida com o colonialismo. Numa primeira fase o comércio da escravatura e as guerras suscitadas por este comércio provocam uma hecatombe sem paralelo em toda a história da humanidade. Os sobreviventes abandonam terras e povoações, procuram refúgio nas zonas mais inacessíveis, fogem a todo o contacto. Neste processo perde-se um capital imenso do saber colectivo da sociedade, e o que resta, até para ser protegido, sacraliza-se e torna-se objecto de transmissões rituais. O dogmatismo do método esteriliza completamente a ciência nascente, tanto mais que a inovação é considerada como uma profanação ou até sacrilégio.

O colonialismo, que se enraiza para melhor explorar o homem, prossegue uma política sistemática de obscurantismo e segrega o racismo, com o seu irmão gémeo o paternalismo. O homem africano é considerado como incapaz de ter acesso ao conhecimento científico e quando muito apenas susceptível de adquirir um conhecimento por via emotiva.

A submissão da sociedade ao sobrenatural e o mito racista da incapacidade vão bloquear a iniciativa e o pensamento.

A nossa luta de libertação veio romper este esquema, demonstrando a nossa capacidade em transformar a sociedade e utilizar a nosso favor as leis da natureza, e provando que a inteligência e o trabalho colectivo do Homem tudo podiam criar.

Mas se descobrimos e verificámos na prática que este princípio era correcto, isso não significa automaticamente que o princípio tenha já impregnado a nossa mentalidade e tenha sido assumido pela sociedade.

Ao nível do ensino, nas nossas escolas, importa que prioritariamente se trave esta batalha contra o obscurantismo.

Trata-se de fazer compreender a universalidade da matéria e a dialéctica do seu desenvolvimento, rompendo com o peso arcaico do sobrenatural. Trata-se de ligar continuamente a teoria à prática para que todos e cada um possam adquirir e comprovar as suas ideias.

Para que melhor se enraizem as ideias correctas, para que melhor se elevem as sínteses da prática à categoria de teoria científica e revolucionária, temos sistematicamente preconizado o princípio do trabalho colectivo: estudarem-se e debaterem-se as lições, as matérias científicas e a prática ao nível do grupo, da secção e da turma. Criar-se o ambiente que promova o debate e o espírito analítico e crítico. Criar-se uma sã emulação revolucionária entre grupos, secções e turmas com vista a encorajar as iniciativas criadoras, a ruptura constante com a rotina e o conservantismo.

b) O conhecimento, base da nossa camaradagem

A nossa camaradagem, o tipo especial de relação que temos entre nós derivam do profundo conhecimento mútuo que possuímos.

Quando dizemos “conhecermo-nos” não nos referimos à identificação de caras e nomes e outros detalhes superficiais. Do mesmo modo, ao dizermos “relações de camaradagem” não consideramos que estas se resumam simplesmente em falarmos uns com os outros ou vivermos juntos.

Nas formações que nos precederam, as relações sociais entre as pessoas estabeleciam-se essencialmente na base da posição que cada uma ocupava em relação à propriedade dos meios de produção.

A sociedade tradicional onde o processo de polarização dos grupos sociais em classes antagónicas numa certa medida foi bloqueado pelo colonialismo, as relações entre as pessoas encontravam-se condicionadas por factores

subjectivos como a pertença a uma determinada classe de idade, sociedade secreta, clã, grupo étnico, etc....

Estas concepções das relações sociais entre os homens são rejeitadas pela sociedade que construímos.

O ponto de partida das nossas relações é a consciência de pertencermos à mesma classe trabalhadora, explorada, oprimida e humilhada. Edificamos os nossos laços no quadro da nossa identificação com o combate e a linha política próprios da nossa classe.

Porque membros de uma classe e Partido revolucionário, nas nossas relações domina o princípio da ajuda mútua e confiança total.

Para nos ajudarmos mutuamente devemos-nos conhecer nas nossas potencialidades e limitações: assim seremos capazes de ajudar cada um a materializar e desenvolver as primeiras e combater a liquidar as últimas.

O verdadeiro revelador daquilo que cada um é, o critério do seu valor é a prática. Na luta política no seio das massas, na participação na produção colectiva, no estudo da nossa linha e da ciência, no combate contra o inimigo directo e as ideias e os valores errados, revelamos realmente de que lado estamos, a quem servimos e quais as nossas autênticas convicções. Assim engajados na prática, revelando nela o que somos, demonstramos sem equívocos a nossa personalidade e os nossos camaradas estão em condições de nos orientar na nossa autocrítica, de nos ajudarem pela sua crítica fraternal.

Nesta base se edifica a confiança dos nossos camaradas em relação a nós. Eles descobrirão aquilo de que somos realmente capazes e poderão encarregar-nos de cumprirmos as missões que estão à altura das nossas possibilidades, e continuamente ajudar-nos-ão a progredir na via revolucionária.

Tendo juntos suado na marcha e no combate de transformação da natureza, tendo juntos estudado os problemas e juntos sintetizado as nossas experiências,

tendo juntos desencadeado a luta contra as ideias e os valores errados, em cada uma dessas batalhas que juntos travámos, com a ajuda mútua e a confiança gera-se entre nós a verdadeira amizade.

Amizade fundada em princípios e temperada na prática revolucionária, amizade que nos permite utilizar entre nós o termo “camarada”.

Com esta explicação compreendemos quanto valor damos à expressão camarada, termo que transmite a convicção de um engajamento mútuo na causa da nossa classe. Porque o conceito de camarada se forja e se tempera no nosso combate e muito do nosso suor e sangue o impregna, ele não pode ser usado de qualquer maneira e nunca sobretudo como um substituto para “senhor”.

c) Para uma nova relação entre o homem e a mulher

Ao definirmos as relações de camaradagem entre nós um capítulo especial deve ser reservado à relação homem-mulher, uma vez que esta apresenta problemas específicos.

A relação homem-mulher encontra-se profundamente viciada pela sociedade tradicional-feudal e colonial-capitalista.

A sociedade tradicional negou toda a personalidade à mulher, reduziu-a a um simples instrumento de reprodução e de produção. O colonialismo e o capitalismo acrescentaram a esta situação a forma suprema de degradação: a comercialização do sexo. No entanto é certo também que para explorar a força de trabalho da mulher o capitalismo sentiu a necessidade de a integrar na produção social, e fazendo-o criou a base para que a mulher assumisse uma consciência mais clara da sua condição e por consequência se integrasse no movimento revolucionário.

Mas todos no entanto nos encontramos largamente condicionados pela herança que recebemos e de que ainda não nos conseguimos desembaraçar.

Numa larga medida até este momento os homens só concebem a mulher como objecto sexual e a mulher passivamente aceita este papel. A participação da mulher nas tarefas revolucionárias ainda não conseguiu transformar completamente esta mentalidade, pois que homem e mulher se encontram largamente condicionados pelo passado.

É verdade que a linha está definida e ela é bem clara, mas não menos certo também que as nossas deformações produzem frequentes desvios a esta linha.

Pensamos que as nossas escolas são as frentes onde encontramos as condições mais favoráveis para alcançarmos êxito nesta batalha. Subtraídos à influência nefasta do passado, confrontados com a verdade científica e submetidos à prática reveladora, alunos e alunas podem, se orientados correctamente, estabelecer entre si relações de igualdade conducentes a relações de camaradagem.

Nesta batalha devemos também saber educar os alunos e alunas para assumirem a verdadeira natureza da afectividade e o significado da relação amorosa na nova sociedade que edificamos.

O conceito de amor é um conceito revolucionário. A sociedade tradicional e feudal ignorou-o inteiramente, uma vez que entre homem e mulher só havia uma relação de fecundação e produção; a poligamia, os casamentos prematuros, o lobolo e outras manifestações degradantes de antemão excluíam o sentido de igualdade, de identidade e criação mútua, o sentido de engajamento e responsabilidade sobre os quais se edifica o verdadeiro amor.

O colonialismo e o capitalismo, se afirmam a noção do amor, esvaziam-no contudo de um sentido válido. Este amor é reduzido a uma mera emoção superficial, fundado na beleza do corpo, as maneiras da pessoa e sobretudo a posição social.

Como a camaradagem, o amor para nós deve fundar-se principalmente no conhecimento e identidade resultantes duma adesão mútua à causa popular.

Por isso mesmo na fórmula do casamento entre nós se utiliza a expressão de “estímulo”. O amor, o casamento concebidos como um estímulo para a transformação mútua ao serviço das massas.

Notamos que estes conceitos, porque novos, porque radicalmente diferentes dos que tínhamos vivido, nem sempre são explicados às novas gerações e quando o são, frequentemente isso é feito de uma maneira superficial e sem a preocupação de levar as novas gerações a assumirem e viverem a nova ideia.

Quando camaradas solteiras ficam grávidas consideramos isso escandaloso, quando na realidade não é a gravidez, simples consequência biológica, que é escandalosa. O verdadeiro escândalo é o não termos sabido educar essas camaradas, não lhes termos feito assumir o verdadeiro sentido do amor e como a própria relação sexual se integra dentro do amor e dentro da vida. O escândalo está ainda no facto de várias vezes essa gravidez surgir num clima de total irresponsabilidade dos seus autores.

Impõe-se uma batalha política ao nível sobretudo das novas gerações, para que triunfe a nossa concepção do amor, concepção criadora e revolucionária.

CONCLUSÃO

O processo revolucionário não conhece só vitórias.

No campo da educação particularmente, porque delicado, porque o que está em causa é a formação da consciência, os fracassos são frequentes.

Na verdade sabemos bem o que não queremos: a opressão, a exploração, as humilhações.

Quanto ao que queremos e como obter o que queremos, forçosamente as nossas ideias ainda são vagas. Elas nascem da prática, são corrigidas pela prática. Sobre o homem novo, a sua definição e os métodos de o construir, a

nossa experiência é nova, recente, a nossa prática é ainda limitada. É normal pois que registemos por vezes fracassos.

Mas é a partir dos insucessos que aprendemos. As forças revolucionárias, porque se encontram unidas às massas e nelas buscam a inspiração e a força, porque possuem a ideologia correcta e os métodos apropriados, são as únicas que estão em condições de transformar cada fracasso em ponto de partida para um sucesso.

É dentro desta perspectiva, e no quadro da etapa exaltante em que nos encontramos agora engajados, que se impõe a aplicação duma nova palavra de ordem:

**FAZER DA ESCOLA UMA BASE PARA O POVO
TOMAR O PODER.**

Tiragem: 20 000 exemplares
Composto e impresso
na Imprensa Nacional
República Popular de Moçambique
Setembro de 1979

O aluno militante ao estudar cumpre uma tarefa que lhe foi confiada pelas massas para as servir. Nele não pode existir a obsessão mitológica do diploma, a esperança dos altos salários e privilégios, a noção de que faz parte duma elite de futuros governantes. Aqueles que estuda encarna a vontade de progresso de todo o povo e consegue estudar devido aos sacrifícios inumeráveis consentidos pelas largas massas. O aluno militante tem presente que o estudo se destina a habilitá-lo a melhor servir as massas e nunca para, como o colonialista, se instalar como parasita no dorso do povo.



A nossa experiência tem demonstrado que quando num centro se manifesta um clima de divisão, quando surgem numerosas entorses à nossa moralidade revolucionária, quando se verifica uma asfixia na capacidade criadora da base, isso reflecte divisões e compromissos no seio da direcção.



Uma direcção comprometida, uma direcção dividida, perde a sua autoridade política e moral e procurará manter o poder através dum reforço constante do autoritarismo, de medidas administrativas e disciplinares, em resumo ela instalará a ditadura onde devia haver a democracia.



Uma direcção, particularmente numa escola, educa sobretudo pelo exemplo. Se as palavras de apoio à linha forem contrariadas pelos actos, estar-se-á de facto a ensinar-se aos alunos a violarem a linha e a serem hipócritas.



Nas relações entre camaradas não há lugar para desconfianças e métodos policiais, que fundados no segredo e nas alianças sem princípio, conduzem ao aniquilamento da vigilância revolucionária e à criação dum clima de intimidação e terror.



Quando camaradas solteiras ficam grávidas consideramos isso escandaloso, quando na realidade não é a gravidez, simples consequência biológica, que é escandalosa. O verdadeiro escândalo é o não termos sabido educar essas camaradas, não lhes termos feito assumir o verdadeira sentido do amor e como a própria relação sexual se integra dentro do amor e dentro da vida.

1979 ANO DE CONSOLIDAÇÃO DAS NOSSAS CONQUISTAS